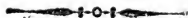
O SOLDADO E O POVO.

POR

JOSE MARIA DO CAZAL RIBEIRO.

> « Vous êtes fils d'un même père,
> « et la même mère vous a al-
> « laités; pour quoi donc ne vous
> « aimez vous pas les uns les
> « autres comme des frères?
> (Lammenais)

COIMBRA,
TYPOGRAPHIA DO OBSERVADOR.

1848.

O SOLDADO E O POVO.

I.

UM crime enluctou a primeira pagina da historia da humanidade; o sangue do irmão derramado pelo irmão lançou uma nodoa indelevel sobre a primeira geração; Abel foi morto por Cain, e o fratrecidio abominavel foi o primeiro fructo do anathema divino fulminado sobre o primeiro homem. Quatro mil annos depois o Christo veio remir o peccado; e o sangue do justo que expirou na cruz foi o penhor da reconciliação de Deus com os homens. O Christo nascido entre o povo fallou ao povo a voz da verdade; o Christo disse — *amae a Deos como pae, amae-vos uns aos outros como irmãos.* Os tirannos crucificaram-o; mas a verdade, que não ha tormento que a mate, perpetuou-se no evangelho, arvorou-se com a cruz em todos os

cantos do globo, e a nova léi, a lei do amor, a lei da fraternidade ganhou novos apostolos de geração em geração, e lançou as bases de uma completa reconstrucção social.

A lucta de Cain e Abel foi um legado de maldição, que as gerações conservaram tambem. Abel é o povo, Cain é o soldado. Cain era irmão de Abel, e o soldado tambem é irmão do povo; mas tambem, como Cain, ensopou as mãos no sangue do irmão, porque a voz dos tirannos lhe bradou — ávante!

¿E nesta lucta de morte quem será o Messias da paz? Que voz bradará tão alto que se faça ouvir por cima do estridor das armas? Que poder haverá tão forte que estanque as feridas do povo, que detenha o braço do soldado empenhado em uma peleja de cegueira e de impiedade? Um só — o principio santo da fraternidade ensinado por Christo, realisado pela republica, personificado na democracia. E este principio sublime, grandioso como Deos, eterno como a verdade, santo como o christianismo ha de vencer a hypocrisia e a mentira, hade forçar o ultimo reducto da tirannia: e á sombra da sua bandeira magestosa o povo e o soldado hão de trocar os odios pelo amor, unir-se em um abraço de concordia, e partilhar o mesmo pão e o mesmo leito, sem recéiar que novos

combates se travem entre os filhos da mesma terra.

Apostolos da verdade, discipulos do Christo, não desanimeis nesta cruzada de paz! Ide á cabana do aldeão, ide ao quartel do soldado, e dizei-lhes a verdade. Se a missão é perigosa, por isso mesmo é tanto mais nobre. Se os que aproveitam da ignorancia do soldado, porque o seu alimento é o sangue do povo, gritarem — vingança! erguei mais alto a voz. A palma do martirio não é menos gloriosa que o louro da victoria.

A nossa voz é debil para tão alta empreza; mas a causa da liberdade e da emancipação dos povos, pela qual pugnamos, inspira-nos coragem. Temos por nós a religião e a consciencia, temos por nós a rasão e a verdade; temos por nós a epocha e os factos. A Peninsula não hade ser surda á voz da França repercutida pelos échos da Europa.

II.

A ORGANISAÇÃO da força publica é um dos pontos mais capitaes, senão de todos o mais importante na constituição de um estado. A força é a garantia do direito; sem a força que

lhe dê realidade, o direito é um principio inerte, uma letra morta. ¿ De que serve ao viajante acommettido por uma partida de salteadores o direito de defeza? ¿ De que serve ao paralytico o direito de ir gozar o calor do sol na praça publica?

Reconhecer o direito e negar a força é uma contradicção pasmosa, uma zombaria atroz. Ao menos os reis *de direito divino* eram logicos no seu despotismo. *L'Etat c' est moi*, diziam elles; logo haja um exercito permanente, que seja a guarda pretoriana desta unidade; que resume todo o poder; haja um exercito assoldadado; cujos interesses estejam ligados á conservação do trôno; haja um exercito a quem se pregue obediencia cega, passiva e illimitada; para que não hesite em despedaçar a talhos de espada ou a tiros de fuzil os seus irmãos do povo á menor queixa, que ousarem levantar; haja um exercito recrutado entre as classes infimas da sociedade, que não saiba ler, nem entender, nem pensar; para que melhor se amolde a este machinismo de morte. Neste discorrer ha barbaridade, mas não ha contradicção.

¿ E que fazem os tirannetes constitucionaes? Nas suas cartas, nos seus codigos, nas suas constituições fingem acatar o dogma da soberania popular — hipocritas! cobardes! escon-

dem o ferro para ferir pelas costas. A soberania está no povo, dizem elles; mas nós, que somos seus mandatarios, não queremos que o povo tenha armas para garantir a sua soberania; a soberania está no povo, mas nós queremos evitar a anarchia, que é o abuso do direito, com o despotismo, que é o abuso da usurpação; a soberania está no povo, mas nós queremos um exercito permanente assoldadado, obediente, cego, ignorante, forte pela disciplina, amestrado em fazer alvo de seus irmãos, educado á chibata, separado de todo o contacto com os seos concidadãos, para impôr ao povo a lei da nossa vontade. . . . . . Miseria! Contradicção!

¿Que sceptro é esse que por irrisão offereceis ao povo, senão a cana verde que os judeos meteram na mão do Christo? ¿Que saudação de escarneo é essa vossa, senaõ o—*ave rex*—dos farizeos? ¿Que significa essa soberania de papel com que atiraes aos olhos do povo senaõ o beijo traiçoeiro de Judas? Homens das ficções e do equilibrio, a vossa doutrina é taõ barbara como a dos reis de direito divino, e alem da barbaridade revella a má fé, a contradicçaõ e a hipocrisia!

Se lançamos um relancear de vista pela historia, vemos que o exercito permanente e assoldadado tem sidô sempre o sustentaculo do

todas as tirannias. Roma foi livre em quanto todos os cidadaõs eram soldados. A organisaçaõ das guardas pretorianas foi o primeiro passo para o imperio; a espada de Cesar pezou em uma das conchas da balança, e a republica expirou no suicidio de Cataõ e na tentativa desesperada de Cassio e Bruto. Pouco tempo depois a coroa dos Cesares vendia-se em leilaõ, e os soldados eram os corretores deste novo trafico.

A' frente de 300 soldados Cromwell insultou e dissolveo o Parlamento, e por cima da porta de Westminster fez pregar um letreiro que dizia — *camera para alugar não mobiliada.* — Com doze mil soldados Monk destruio os ultimos vestigios da republica ingleza e reconstruio o trôno de Carlos II. sobre o cadafalso de Carlos I. Com as legiões de Italia Bonaparte consummou o 18 *de brumaire*, e usurpou o sceptro de ferro com que esmagou as dynastias dos reis, e as liberdades dos povos.

Sempre, sempre o soldado é o instrumento dos tirannos ¿ E como não hade ser assim, se o soldado não tem entendimento nem vontade? ¿Como não hade ser assim se a disciplina faz delle a roda d'uma machina, que só tem movimento por impulso estranho? Por isso os despotas querem os exercitos permanentes, e tremem do povo armado.

III.

O TRIBUTO de sangue é o mais pesado de todos os tributos, que o cidadão deve á sua patria. ¿Porque não ha de o tributo de sangue ser egualmente repartido por todas as classes? ¿Porque ha de cahir exclusivamente sobre o proletario?

¿Será porque o governo tem mais em conta o sangue do rico que o sangue do pobre? ¿Será por querer poupar ao proprietario, ao capitalista a dôr de ver arrancar um filho dos seus braços para o lançar nas fileiras do exercito de encontro ás ballas do inimigo? Se assim fosse, não seria por isso mais desculpavel esta desegualdade atroz. ¿Pois o trabalhador que revolve a terra com a enxada, que ganha o pão de cada dia com a fadiga e com o suor do rosto; o operario que passa o dia dobrado sobre as machinas da officina, para trazer á noite um minguado salario, com que alimenta mulher e filhos; o marinheiro que vella sobre o convez do navio espreitando as ondas e os ventos não tem entranhas e coração de pae? ¿Esse sentimento purissimo, que Deus gravou no coração do homem, não existe debaixo do borel, como debaixo das sedas? ¿Porque ha de arrancar-se ao proletario um filho,

que é o unico arrimo da sua velhice, em quanto o filho do opulento se recusa a prestar á patria os serviços do seu braço?

Para uns o descanso, a opulencia e os prazeres; para outros o trabalho, a miseria e as lagrimas! Para uns o direito eleitoral, a concurrencia aos cargos publicos; para outros a exclusão da urna e a concurrencia ás ballas!. . .

O rei, que se intitula pae do povo, é padrasto da grande maioria, que se compõe daquelles que, sem possuir um capital, vivem do seo trabalho. Ludibriam-te, povo, escarnecem-te os falsos liberaes do constitucionalismo! Adormeceram-te, e manietaram-te no teu somno, como o leão da fábula! Mas o teo acordar hade ser tremendo!

¿E sabes tu porque os reis querem um exercito só de proletarios? Não é por amor ás classes ricas; não. E' porque nessas cabeças, que cinge a corôa, entrou um pensamento de tirannia infernal; é porque te querem fazer assassinar ás mãos de teos proprios filhos. Viram os filhos do povo ignorantes, porque o tenue salario do teo trabalho mal chegava para os alimentar, e disseram entre si — eis os homens que nos convem! E arrancaram-os ás tuas lagrimas, e levaram-os amarrados com cordas, e ensinaram-lhes a lei da *disciplina e da obediencia cega.*

E depois mandaram-os fuzillar o povo; mandaram-os apontar as armas homicidas contra seos paes e seos irmãos. E o soldado obedeceo-lhes na sua cegueira fatal! E o soldado pisou os cadaveres de seos irmãos, e cuspio na face de seo pae, porque os tirannos lhe disseram — o teo dever é a obediencia. Malvado, mil vezes malvado o que depravou o filho do povo!

Povo se não queres ser esmagado, illustra-te! Soldado, se não queres ser o instrumento cégo de um despotismo feroz, aprende!

IV.

¿SOLDADO! onde nasceste tú? ¿Não te recordas da cabana de teos paes, do sino da tua aldeia? ¿Pois essa cabana onde abriste os olhos á luz do sol, essa igreja onde ouviste pela primeira vez as palavras do Christo pela bôca do sacerdote, has de ir lançar-lhe o fogo da destruição?

¿Soldado! não és tu filho do povo? ¿Quem te deo a vida, quem guiou os passos da tua infancia, quem alimentou os dias da tua adolescencia senão um homem do povo? ¿Para onde has de voltar, quando findar o tempo do

têo serviço senão para entre o povo? Oh! não queiras levar as mãos manchadas com o sangue de teos irmãos, porque então todos se affastariam de ti com horror, e os amigos da tua infancia te voltariam as costas, e teo pae e tua mãe lançariam sobre ti uma maldição terrivel.

Soldado! se queres um dia apontar com gloria para as cicatrizes do teo peito, não as ganhes em defeza da oppressão e da tirannia; ganha-as combatendo pela patria e pela liberdade. E as benção dos teos concidadãos acompanharão os ultimos dias da tua velhice; e a tua consciencia dormirá tranquilla e isempta de crime; e os paes te mostrarão a seos filhos como exemplo de valor e de patriotismo; e no remanso quieto da tua aldeia natal não virá nunca um remorso pungir o fim da tua existencia.

Soldado! os que te dizem que o teo unico dever é a obediencia passiva e illimitada mentem; porque o crime, seja quem fôr que o ordene, é sempre crime; porque a responsabilidade, se pesa mais sobre a cabeça que o concebeo, pesa tambem sobre o braço que o executou. Se te dizem que a tua unica lei é a disciplina mentem; porque nenhuma lei dos homens póde revogar a lei divina da fraternidade escripta por Deus no coração do homem. Mentem-te, soldado, mentem-te os sicarios,

que levantaram um idolo a que chamaram — honra militar — e que o algáram sobre o altar consagrado á verdade e ao christianismo. Impios!

Soldado! ¿que querem fazer de ti os tirannos? O carrasco do povo; o verdugo de teos irmãos. ¿Pois basta cobrir a cabeça com um bonnet agaloado para dizer á intelligencia — não penses? ¿Basta cobrir o peito com uma farda para dizer ao coração — não sintas? Não; mil mil vezes não. Essa libré de ignominia que te impuzeram has de trocal-a um dia pelas gallas da verdadeira gloria; e esse dia ha de ver o abraço fraternal do povo e do soldado; e esse dia ha de elevar o soldado á cathegoria de cidadão, restituir-lhe o pensamento e a vontade, que traiçoeiros chefes lhe tem roubado; e esse dia ha de ser o dia de emancipação e de liberdade, em que todos venham depôr antigos odios e jurar para o futuro um amor inabalavel aos pés da cruz sacrosanta do Christo.

V.

¿Quem será o verdadeiro amigo do soldado — o povo que o quer por irmão, ou os reis que o querem por escravo? Nos trez dias de

julho de 1830 Paris presenciou innumeraveis scenas de fraternisação da tropa com o povo. Na praça de l'Estrapade um posto defendido pela guarda real tinha sido atacado por duzentos insurgentes. Os soldados preparavam-se para a defeza, quando um cidadão por nome d'Hostel trepou a uma janella, e algumas palavras ditas ao official foram bastantes para que as ameaças se trocassem por abraços de concordia. Junto á prisão de Montaigu um estudante da escola polytechnina com algumas palavras inspiradas pelo coração poupou as ondas de sangue, que iam correr; e official e soldados juraram não fazer fogo sobre seos irmãos. Os bombeiros, a cuja guarda tinham sido confiados alguns presioneiros do povo, ajudavam-os a evadir-se por meio de cordas pelas janellas do quartel.

¿E sabeis o que nesses momentos dizia o principe de Polignac tranquillo ainda na cegueira do seu despotismo estupido? Se a tropa se passar para o povo, dizia elle, fazei fogo tambem sobre a tropa. Louco, louco, como todos os despotas, não via que a ultima hora da tirannia sôa sempre que o soldado reconhece os seos deveres de cidadão!

Dezoito annos depois, quando o sangue ainda corria a jorros pelas ruas de Paris, quando os cadaveres dos filhos do povo ainda obstruiam

as barricadas, quando mal acabava de vencer-se essa batalha eternamente gloriosa dos trez dias de fevereiro o governo provisorio da republica franceza proclamava assim aos soldados. « E' preciso restabelecer a unidade do exercito e do povo alterada por um momento Jurae amor ao povo onde estão vossos paes e vossos irmãos. Jurae fidelidade ás suas novas instituições, *e tudo ficará no esquecimento, á excepção do vosso valôr e da vossa disciplina.* » A linguagem da generosidade sem hipocrisia, do perdão sem ressentimentos, essa só a sabem faliar os verdadeiros democratas.

¿ Quereis comparar a tirannia com a liberdade? Olhae para a Hespanha e para a França. Este anno de 1848, que ainda em menos de metade do seo curso já tem legado á historia taõ larga herança, este anno de 1848 já vio áquem e álem dos Pyreneos correr o sangue do soldado de envolta com o sangue do povo. Em Madrid venceo o despotismo, em Paris triumfou a liberdade. E no dia immediato ao do combate em Madrid fuzillavam-se os presioneiros, e em Paris perdoava-se aos vencidos. Em Madrid um governo retrogrado e feroz agarrado ao simulacro de um poder que desaba, que se esmigalha nessa lucta teimosa contra as idéas e a verdade, devora nos paro-

xiccros do seo furor sanguinario as victimas que lhe cahiram nas mãos, e pretende — insensato! — sustentar sobre cadaveres um trôno que vacilla. Em Paris, o povo generoso porque é verdadeiramente grande, o povo justo porque nelle ainda a moral do evangelho não foi suffocada pelos calculos vis do interesse e da ambição, o povo que vence, que despedaça um trôno, que reconquista a sua soberania inalienavel, o povo estende mão de amigo aos que ainda na vespera apresentavam uma muralha de baionetas como resposta aos seos clamores de reforma; o povo conduz aos hospitaes e ás ambulancias os soldados feridos no combate, e são elles os primeiros, que experimentam os seos disvellos fraternaes; o povo, que batalhou como herôe nas barricadas, diz ao seo inimigo de hontem — vem partilhar o nosso pão, vem sentar-te á nossa meza, vem abraçar teos irmãos!

Que o neguem, se podem, os sectarios do despotismo; que o neguem esses escravos abjectos que se pavonêam á custa do povo; que alli tem por accusadôres os milhões de echos da imprensa, que alli tem por testimunha a Europa inteira.

Ainda não tinham decorrido dois mezes depois d'essa grande revolução de fevereiro, quando a tropa de linha regressava a Paris para

a festa nacional da entrega das bandeiras — festa grandiosa e solemne que por bem merecidos titulos alcançou o nome de *festa da fraternidade*. E os vivas, que ahi se ouviram, não eram acclamações officiaes entoadas por ordem e respondidas a compasso; eram a espansão de corações, que se confundiam em um só amor, e n um só pensamento — a França e a liberdade. Era a guarda nacional, era o povo, que, clamava — viva o exercito! Era o exercito, que, respondia — viva a republica!

E poucas horas depois o cidadão Arago, membro do governo provisorio dizia no acto da entrega das bandeiras: cidadãos soldados, soldados cidadãos, todos filhos egualmente queridos do povo, levae com orgulho este emblema da força e da grandeza do povo armado!

E' porque a liberdade floresce no amor e na união, como a tirannia se cimenta nos odios e no sangue.

VI.

Vêde a Italia como acórda gloriosa do seo longo somno de escravidão! Vêde a Italia como empunha o estandarte da regeneração arvora-

do pelo Vigario do Christo! Vêde-a cómo se levanta gigante, unida, como um só homem, sobre as ruinas do dominio estrangeiro! ¿Que maior prova quereis de que as nações não morrem?

Havia alli um povo que nada tinha alem das suas recordações gloriosas; um povo que em outras eras dominara o mundo, e jazia hoje abatido e retalhado pe'as armas e pela diplomacia da Austria, que sustentava esses pequenos despotas, tão pequenos no poder como grandes na tirannia. Mas quiz Deus que se sentasse no solio pontificio o verdadeiro ungido do senhor. E ao brado sacrosanto de Pio IX respondeo um echo unisono desde o Etna até aos Alpes; e a Italia inteira disse — quero ser livre; e os seos grilhões foram feitos pedaços.

Havia em Milão trinta mil homens de boas tropas Austriacas; o povo estava inerme, mas era forte porque a sua vontade era uma só, porque era santa a causa pela qual pelejava. Era uma população inteira, compacta, possuida da vertigem do enthusiasmo, que se lançava a um combate de morte sem receio da metralha, nem do fogo, nem das baionetas. Eram os homens, que se batiam nas barricadas; as mulheres e crianças que faziam cartuxame e

cravavam puas de ferro nas calçadas para impedir os ataques da cavallaria; eram os velhos, que das casas e dos telhados arremeçavam sobre a tropa pedras, telhas, agua a ferver, brasas, moveis, alfaias, tudo . . . . . E ao quinto dia de combate o povo tinha triumfado.

Quando um povo têm coragem para reconquistar os seos direitos menospresados, ai dos tyrannos que o pretendem avassalar!

Porém notae-o bem; o povo de Milão báteo-se contra os austriacos, só contra os austriacos; porque os soldados italianos fizérам causa commum com seus irmãos desde o primeiro dia da lucta. Todos filhos da Italia não renegaram essa patria abençoada, que lhes dera o creador. Todos discipulos de Pio IX não despresáram a palavra do apostolo inspirado. Todos irmãos, todos italianos não houve entre elles um só Cain.

E todos a republica abraçou como filhos. Não ha no governo da fraternidade primogenitos ou bastardos; são todos eguaes, são todos irmãos. Se no passado houve crimes; lavou-os o sangue derramado pela liberdade. Fazer victimas depois do combate è bom para os tirannos. Nos primeiros momentos da sua existencia o governo provisorio de Milão dizia assim ao exercito: Officiaes e soldados, que servistes

no exercito do maior guerreiro do mundo, elle tambem era italiano; vinde combater á sombra da bandeira da liberdade. Provae que remoçastes na nova mocidade da vossa patria. Officiaes e soldados, que gemestes na escravidão debaixo do açoute da Austria, vinde desmentir o passado junto da bandeira tricolôr, que bem depressa correrá dos Alpes aos dois mares.

¿ E nós filhos da peninsula iberica teremos de sustentar sempre esta lucta cruenta com a força armada? ¿ Não conhecerá um dia o soldado portuguez e o soldado hespanhol, que é filho e irmão do povo, que o seo primeiro dever é — *amar o povo*? Seremos eternamente condemnados a beber o sangue, a devorar as entranhas, a retalhar as carnes dos filhos da mesma terra na cegueira abominavel de um odio sem compaixão?

Não; mil vezes não. A verdade ha-de penetrar um dia na intelligencia do soldado. E esse dia será o ultimo da oppressão, e o primeiro da liberdade.

VII.

E NESSE dia os que combatiam pelos oppressores combaterão pelos opprimidos: os que combatiam para guardar em ferros seos paes, suas mães, seos irmãos e suas irmãs combaterão para os libertar.

E nesse dia a missão gloriosa do soldado será abençoada por Deus, e santificada pelos homens. A missão do soldado será combater pela justiça, pela causa dos povos, pelos direitos sagrados da humanidade.

Combater para livrar seos irmãos do jugo ferrenho do despotismo; para lhes quebrar as algemas e as algemas do mundo.

Combater contra os homens malvados pelos que elles arrastam na poeira e calcam aos pés; contra os senhores pelos escravos; contra os tirannos pela liberdade.

Combater para que todos não sejam a propriedade de alguns; para erguer as cabeças que se curvam, e apoiar os joelhos que se dobram.

Combater para que cada um possa gozar em paz do fructo do seo trabalho, para secar as lagrimas dos velhos, das mulheres e das crianças, que pedem pão, e ouvem por unica

resposta — não ha mais paõ, levaram-nos o ultimo que restava!

Combater pelo pobre, para que naõ seja privado da sua parte na herança commum; para expulsar a fome das cabanas, e restituir ás familias a abundancia, a segurança e a alegria.

Combater para dar aos que a tirannia lançou no horror das masmorras o ar, que lhes falta e a luz, que seos olhos procuram em vão,

Combater para derrubar as muralhas, que separam os povos, e que os impedem de se abraçar como filhos do mesmo pae, destinados a viver unidos em um mesmo amor.

Combater para emancipar da tirannia do homem o pensamento, a palavra e a consciencia.

Combater para que todos tenham um Deus no Ceo e uma patria na terra.

VIII.

Soldado filho do povo, povo irmaõ do soldado, essa lucta de sangue em que vos empenhaes é uma lucta de maldiçaõ! Para a sustentar é preciso atropellar o dever, o interesse, o sentimento e a religiaõ.

Uni-vos todos em volta da cruz onde morreo o Christo, que ensinou a lei da fraternidade. Uni-vos todos em volta de uma só bandeira — a bandeira da liberdade e da emancipaçaõ dos povos.

E da cruz descerá sobre vós a benção do Senhôr. E com a liberdade gozareis a paz, a abundancia, e a justiça.